

CASANOVA, Pascale. *La langue mondiale - Traduction et domination*. Col. Liber. Paris: Seuil, 2015, Collection : Liber, 131p.



Marie-Hélène Catherine TORRES*
Universidade Federal de Santa Catarina

Aída Carla Rangel de SOUSA**
Universidade Federal de Santa Catarina

A obra *La langue mondiale - Traduction et domination* [A língua mundial – tradução e dominação] é de autoria de Pascale Casanova, atualmente pesquisadora do Centre Européen de Sociologie et de Science Politique [Centro Europeu de Sociologia e Ciência Política] em Paris, centro que está sob a cotutela da Universidade de Paris I, da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e do CNRS. Ao analisar rapidamente o paratexto do livro, podem-se extrair informações preciosas sobre a ideologia subjacente a esta obra.

279

Examinando, por exemplo, a coleção Liber, na qual se insere a obra, criada por Pierre Bourdieu, em 1997, e hoje dirigida pelo seu filho Jérôme Bourdieu e pelo pesquisador Johan Heilbron, percebe-se que esta oferece análises rigorosas baseadas nos fundamentos atuais das Ciências Sociais. A própria Casanova foi orientanda de Pierre Bourdieu e ficou conhecida com a publicação de sua tese de doutorado, *La République Mondiale des Lettres* (1999), traduzida no Brasil por Marina Appenzeller sob o título *A República Mundial das Letras* em 2002. Já mostrava, na época, que o universo literário mundial se organizava em estruturas desiguais, conforme as relações de rivalidade e dominação de cada sistema. Nessa nova obra, *La Langue mondiale* [A língua mundial], dedica-se a um dos aspectos determinantes da dominação, a língua. A inserção em tal coleção determina o lugar de onde parte Casanova.

Há ainda, na contracapa do livro em francês que integra o paratexto, o que Genette chama de *press release*, onde são reveladas algumas informações sobre a obra. Em outros termos, segundo Genette, trata-se de “Um texto curto (geralmente de meia página, ou até de uma página) que descreve, à maneira de resumo ou de qualquer outro meio, e de modo normalmente elogioso, a obra a que se refere”. A editora Seuil escolheu falar da dominação que exerceu o francês no mundo, bem como frisar a questão do bilinguismo e da diglossia (o uso, numa mesma comunidade, de dois idiomas com funções comunicativas

complementares), por serem indicadores importantes para o estatuto da tradução de obras. Ela anuncia também ao seu leitor que a obra anterior de Casanova, *A república mundial das Letras*, foi traduzida em uma dúzia de línguas, lhe conferindo credibilidade e notoriedade na matéria.

Casanova divide seu livro em cinco partes, começando com “*Exordium*” e terminando com “*Exitus*”, o que corresponde às fases inicial e final pelas quais passa quem constrói um discurso, conforme a retórica clássica. É na *Retórica a Herénio*, tratado latino de autor desconhecido do século I a.C., que aparecem pela primeira vez as cinco partes do discurso, ou seja, a invenção, a disposição, a elocução, a memória e a ação. Casanova tece uma correspondência entre essa retórica clássica e as cinco partes estruturantes do seu livro da seguinte forma: o capítulo 1, “*Le bilinguisme latin-français*” [O bilinguismo latim-francês], corresponde à Invenção na retórica; o capítulo 2, “*Quand le français devait être défendu*” [Quando o francês devia ser defendido], trata da Disposição; o capítulo 3, “*La traduction comme conquête*” [A tradução como conquista], corresponde à Elocução; o capítulo 4, “*Les Belles Infidèles*” [As Belas Infieis], à Memória, e o capítulo 5, “*Leopardi et le français*” [Leopardi e o francês], à Ação. Casanova, seguindo a lógica aristotélica, constrói assim o seu discurso de forma persuasiva, com um domínio da realidade sobre a qual é necessário fazer uma investigação que permita a constituição de um saber.

Em “*Exordium*”, o título do prelúdio, parte do fato de que as línguas são socialmente hierarquizadas conforme sua proximidade com o poder ou sua legitimidade. A língua mundial tem o prestígio reconhecido pelas outras línguas mundiais, daí sua universalidade. Casanova afirma, citando o professor e crítico Antônio Cândido, que a desigualdade das línguas pode inibir o reconhecimento dos escritores, como foi o caso dos escritores de língua portuguesa, como Eça de Queiroz e, no Brasil, Machado de Assis, quase desconhecido ou mal conhecido, como afirma. Ela dialoga, neste sentido, com as teorias já presentes no seu livro sobre a *República Mundial das Letras*. Segundo Casanova, ainda em “*Exordium*”, o bilinguismo ou o multilinguismo coletivos levam à dominação, pois, para possuir essa língua segunda, prestigiosa e legítima mundial e socialmente, as populações tornam-se linguisticamente dominadas linguísticas e correm o risco de desaparecer.

Casanova questiona essa relação de poder e afirma que o poder só existe se os outros acreditam na sua força, afirmação no mínimo sedutora. Ela preconiza o “desacreditar”, isto é, seguindo os seus termos, ela afirma que é necessário adotar um posicionamento ateu, ou seja,

o posicionamento de não acreditar mais no prestígio da língua mundial que é o inglês atualmente.

O papel da tradução seria o de medir o grau de dominação, já que a presença de tradução reduz a dominação. Casanova afirma que “a tradução é uma forma de resistência (ou de luta contra) à porosidade das línguas e à dominação linguística”. Eu diria até que a tradução é cada vez mais um fato e um ato político. Desse modo, e isso já foi desenvolvido na *república mundial das letras*, através da tradução, o escritor dominado pretende aceder ou aproximar-se do Centro (formado pela França, Inglaterra e Estados Unidos) para assim ser por este legitimado. E para entender o mecanismo de funcionamento da língua mundial dominante, Casanova usa o exemplo da língua francesa, por ser ex-dominante e porque é o lugar de onde ela parte e ao qual pertence.

O capítulo sobre o bilinguismo é fundamental nesse sentido, pois sempre caracteriza uma dependência linguística. O bilinguismo (uso em alternância de duas línguas pelo mesmo locutor) não permite, segundo Casanova, escapar da dominação linguística, mas sim reproduzir as relações de força e os conflitos existentes entre as línguas, sempre competindo para ter o poder. A dominação aqui é simbólica, pois depende de uma crença coletiva. Quanto mais a tradução se faz presente, mais a dominação diminui. E, ao contrário, quanto menos importante é a tradução, maior é a dominação. A criação de novas palavras numa língua caracteriza, segundo Casanova, a independência e aumenta o capital literário dessa língua-cultura.

A questão da tradução é, portanto, central no livro da Casanova, até estruturalmente, já que inicia na metade da obra. Nesse capítulo, o leitor encontrará um panorama histórico da tradução de clássicos latinos e gregos, com valor e poder literário incontestáveis na França a partir de Dolet, que foi o primeiro a enunciar regras para traduzir na França. A importação de textos clássicos por meio da tradução aumentou assim o volume de capital literário. A tradução, no século XVI, tinha a função de apropriação e conquista, formando a acumulação de capital literário ao se traduzirem textos de prestígio. E os tradutores, a maioria multilíngue, procurando romper com as normas de seus respectivos espaços literários, tentam introduzir obras da modernidade definidas pelos centros do “Meridiano de Greenwich”. Eles têm, segundo Casanova, um papel essencial no processo de unificação no campo mundial do livro. A autora chega a imaginar um mapa mundial dos livros a partir das datas de tradução dos grandes textos “heréticos”, isto é, dos textos fundadores da modernidade.

Não poderia deixar de se referir às Belas Infiéis, cujo papel não era mais o de enriquecer a língua francesa, mas sim de igualar o latim. A tradução tornou-se um verdadeiro gênero literário. Era preciso traduzir mais, principalmente no século XVII, para um público cada vez mais numeroso. É assim, em nome de certa legibilidade para o público-leitor não latinista, que começaram as mudanças nos textos antigos traduzidos. Casanova fala ainda das traduções livres na França e na Inglaterra da época, que se aproximavam mais das adaptações, com seus acréscimos, supressões e modificações diversas. Essas Belas Infiéis mostravam a emancipação do francês em relação ao latim, a sua independência, uma libertação da escravatura dos textos originais latinos e gregos! O objetivo e o papel das Belas Infiéis era criar um estilo, o estilo da literatura francesa.

Casanova ilustra o capítulo com exemplos famosos, como os comentários de Prévost a sua tradução de *Clarissa Harlowe*, de Mme Dacier, tradutora de Homero, ou ainda com os textos dos antigos e dos modernos, como Perrault. Ela afirma também que, no século XVIII, o tradutor era refém dos gostos do público-leitor para quem traduzia e que, portanto, a tradução perdeu o seu prestígio. É verdade que o francês entre o século XVIII e o início do XX havia se tornado o latim dos modernos, ou seja, a língua mundial da tradução, o que a transformou em língua infiel e etnocêntrica, para retomar o termo de Antoine Berman.

Interessante e convincentemente, Casanova dedica o último capítulo a Leopardi, um dos fundadores da poesia italiana moderna, mas numa época, o início do século XIX, em que a língua francesa era ainda a língua dominante. O conflito que Leopardi, que serve aqui de *tertium comparationis*, empreende contra a língua dominante (francesa), e que lhe permitirá participar ativamente da formação da língua moderna italiana e da sua expansão na Itália, passa pela relação com o latim, já que as línguas italiana e francesa têm o latim como mesma origem. Há longas citações do *Zibaldone* sobre a dominação e modernidade das línguas e sobre a falta de originalidade e de graça da língua francesa. Casanova mostra também a lucidez de Leopardi quanto à desigualdade linguística, o qual avançou (e demonstrou) a hipótese da descendência direta do italiano em relação ao latim para comprovar a independência e a modernidade da língua italiana. Ela deduz, com êxito, que, de um lado, os empréstimos à língua dominante são numerosos por parte de uma língua dependente dela e que a tradução, nesse caso, é quase inexistente. Alerta que uma língua muito dependente pode desaparecer com o tempo. Uma língua independente traduz muito! Finalmente, Casanova, no “*Exitus ou les Belles Infidèles reconnues*” [Exitus ou as Belas Infiéis reconhecidas], capítulo

anterior ao sobre Leopardi, mostra, no fundo, que existe um imperialismo linguístico. A tese de Casanova concerne, na contemporaneidade, ao inglês, nova língua mundial, que domina após o francês do século XVIII. Fazendo-se valer da sua formação de socióloga, ela mostra que o uso da língua mundial assegura uma certa autoridade aos que a falam. Mas, o que podemos fazer, já que a língua mundial deve existir para permitir a comunicação universal?

Segundo a autora, o inglês, que é a língua mundial dominante, é dominante também na França, segundo estatística de 2008 que Gisele Sapiro fez a partir do *Index Translationum*, plataforma mundial de tradução alimentado pela UNESCO graças às bibliotecas nacionais de cada país/cultura. Sapiro chega, muitas vezes de forma sinuosa, à conclusão de que a maneira de traduzir depende do estatuto da língua de ambos os sistemas literários, de partida e de chegada. Faz uma longa referência ao teórico e tradutor Lawrence Venuti, principalmente a respeito da invisibilidade do tradutor e da característica dos textos traduzidos como escrita fluida e transparente nos Estados Unidos.

O argumento segundo o qual as pessoas que usam coletivamente duas ou mais línguas, como na Bélgica, em Portugal e em parte da Escandinávia – fora os países onde o inglês é língua oficial, como algumas ilhas na Ásia ou ainda a Índia – são dominadas, aplica-se melhor às línguas-culturas que pensam que o simples fato de falar, fazer negócio, escrever, pensar na língua mundial, o inglês, as enriquecem de todas as formas, enquanto que, ao contrário, são dominadas, e sua(s) língua(s) estão prestes a desaparecer no tempo e no espaço. Isto é, manter sua língua é uma forma de resistência e de dominação, ao contrário do que se acredita geralmente. De fato, via de regra, manter sua língua é percebido como manifestação da diversidade cultural e humana.

O país-cultura que usa o inglês em todos os níveis da sociedade é um país dominado! O país-cultura que não usa o inglês, ou o usa muito pouco, é um país-cultura dominante. Estamos pensando aqui no Brasil, entre outros, que não se deixou dominar em prol de certos argumentos de internacionalização. Ora, na nossa opinião, é uma tese bastante convincente!

RECEBIDO EM: 25 de setembro de 2017

ACEITO EM: 05 de novembro de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

* Marie-Hélène Catherine TORRES. Possui Pós-Doutorado pela Universidade de Minas Gerais (2011), Doutorado em Estudos em Tradução - Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica (2001), Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e Licenciatura Dupla Português-Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992). Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina onde atua na graduação em Letras Estrangeiras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. É atualmente coordenadora do Doutorado Interinstitucional (DINTER) da PGET/UFSC com a UFPA de 2015 a 2019. Como pesquisadora desenvolve projeto de pesquisa sobre as contistas francesas do século das Luzes; sobre antologia e literatura francesa (<http://mnemosine.paginas.ufsc.br/>) com verba do CNPq (2013-2016). É também tradutora de literatura infantil e juvenil. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1477390958277483> E-mail: marie.helene.torres@gmail.com

** Aída Carla Rangel de Sousa. Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos da Linguagem (2008) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduação em Letras Modernas – Francês (2005) pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2304084032460152> E-mail: aidacarlarangel@gmail.com